

A NETNOGRAFIA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA: UM RECURSO POSSÍVEL

Ana Paula Rodrigues Ferro (USCS/UNR/FACON)*

Muitas vezes, as coisas que me pareceram verdadeiras quando comecei a concebê-las, tornaram-se falsas quando quis colocá-las sobre o papel. (René Descartes)¹

Resumo

A partir do conceito de netnografia e de indagações quanto à utilização da internet, como ferramenta de busca de informações de natureza acadêmica, para a produção de textos científicos, ou mesmo para realização de estudos etnográficos, de comunidades presentes nas redes sociais, o presente texto busca aprofundar os conhecimentos sobre a netnografia, no que tange à sua origem, sua funcionalidade e aos autores recorrentes.

Palavras-chave: Netnografia. Cibercultura. Internet. Pesquisa.

Abstract

From the concept of netnography and inquiries about the use of internet as search engine information of an academic nature, to produce scientific texts, or even to carry out ethnographic studies of communities present in social networks, the present text seeks to deepen the understanding of netnography, with respect to its origin, its functionality and recurring authors.

Keywords: Netnography. Cybercultur. Internet. Research.

Introdução

O *boom* da evolução tecnológica trouxe à sociedade a chamada Era da Informação, período em que, cada vez mais, percebe-se o caráter transicional da

* Cursando doutorado em *Humanidades y Artes con Mención en Ciencias de la educación* na Universidade Nacional de Rosário (UNR), Argentina. Mestranda em Comunicação e Inovação na Universidade Municipal de São Caetano (USCS). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura, Ensino de Espanhol para Brasileiros (PUC-SP). Docente no Programa de Pós-graduação Lato Sensu da Faculdade de Conchas - FACON (SP).

¹ Descartes apud Hermes (2009, p. 42).

verdade, muito bem exemplificado pela palavra “átomo”, que significa *não divisível* e, como se sabe, essa não é mais uma verdade absoluta. Nesse sentido, pode-se afirmar que o conhecimento é provisório.

Os canais de transmissão da informação são imediatos e globais. Pode-se, por meio da internet, transferir informações altamente extensas (ou pesadas) e detalhadas, com imagens de alta resolução, em fração de segundos para o ponto mais longínquo do planeta. A internet não possui ferramentas de avaliação de veracidade, análise de conteúdos ou qualquer instrumento que garanta a qualidade daquilo que é publicado. Esta liberdade de publicação não é necessariamente ruim, mas esse assunto não será posto em discussão, neste texto.

A educação brasileira teve um acentuado decréscimo no que tange à formação dos alunos, enquanto estudantes (pesquisadores), ou seja, nota-se, atualmente, a diminuição da habilidade crítica dos alunos aliada à despreocupação acadêmica e ao desgosto pela ciência.

Estamos vivenciando um crescimento exponencial de comunidades cibernéticas e já nota-se que o tempo de dedicação de cada participante às suas comunidades é cada vez maior, chegando inclusive a causar danos à saúde, por conta da não realização de exercícios físicos básicos, executados compulsoriamente quando da necessidade em se deslocar até a residência de um colega.

Diante dos fatos supracitados, fica a indagação quanto à utilização da internet, como ferramenta de busca de informações, de natureza acadêmica, para a produção de textos científicos, ou mesmo para realização de estudos etnográficos, de comunidades presentes nas redes sociais. Este argumento justifica a discussão do presente tema. A metodologia utilizada para a produção deste texto será bibliográfica e o objetivo proposto é a discussão de sua origem, funcionalidade e autores recorrentes.

1 Netnografia: origem, funcionalidade e autores recorrentes

Segundo Christine Hine (2005, p. 47), a netnografia, também conhecida como etnografia virtual, é uma metodologia científica utilizada para observar comunidades, presentes na internet, quanto à influência na vida de seus membros. A autora ressalta o fato de que o etnógrafo não é simplesmente um *voyeur* ou um observador desengajado, mas sim, um participante ativo, que compartilha algumas das preocupações, emoções e

compromissos dos sujeitos pesquisados. O netnógrafo também deve seguir essa orientação.

A netnografia tem sua origem na etnografia e embora não se trate apenas de uma transposição metodológica, é impossível dissociá-las, uma vez que possuem uma característica primordial em comum: “[...] a imersão do pesquisador no grupo a ser estudado e a sua convivência com a cultura local para entender, ou melhor, mergulhar no modo de ver e pensar o mundo daquele grupo, a fim de poder falar sobre ele” (MARTINS, 2012, p. 1).

As críticas relacionadas à subjetividade da etnografia também se dão à netnografia; entretanto, já em 1922, o antropólogo Malinowski (1978) apresentou uma sistematização que ofereceu mais segurança na análise e na interpretação dos dados, permitindo um resultado mais claro e objetivo.

Enquanto a etnografia se propõe a pesquisar as culturas em seus locais, ou seja, no habitat de um determinado povo ou grupo social, a netnografia busca estudar essas comunidades culturais sem uma localização física fixa, por estarem alocadas no ciberespaço, mas que influenciam tanto ou mais que as tradicionais culturas, em relação ao modo de ser, agir, pensar e ser, dos grupos e pessoas frequentadoras desses novos ambientes constituídos no espaço cibernético.

Por se tratar de uma metodologia recente, sua origem é discutida pela comunidade científica. Martins faz uma compilação justa acerca da origem:

Pieniz (2009) e Gutierrez (2010) apontam que o termo “netnografia” surgiu em 1995, cunhado por pesquisadores norte-americanos. Segundo Montardo & Passerino (2006), Robert Kozinets (1997, 2002) começou a fazer adaptações da metodologia etnográfica em ambiente virtual em suas pesquisas sobre marketing em comunidades online. Logo em seguida, Christine Hine (2005) também começa a estudar o espaço virtual. (MARTINS, 2012, p. 3)

Em um mundo globalizado, a etnografia deve estar aliada à netnografia, pois, como ressalta Kozinets (2010), não é mais possível entender e/ou estudar uma determinada cultura e vida social sem integrar o estudo da internet e da comunicação mediada por computadores.

2 Diferenças entre Etnografia e Netnografia

Depois de observarmos as semelhanças, faz-se necessário discutir as diferenças conceituais nas duas metodologias, ainda que uma tenha se originado da outra: na

etnografia, o observador vive imerso em uma comunidade a fim de participar integralmente do cotidiano dessa cultura, localizada em um espaço físico exclusivo. Nesse sentido, este observador não pode executar registros, pois estaria infringindo uma das regras da metodologia a que se propôs; então, ele deve, ao final deste período de imersão, utilizar-se de sua memória para registrar o que observou. Já na netnografia, o observador tem a vantagem da transcrição das entrevistas e interações, não dependendo integralmente de sua memória.

Outra vantagem da netnografia é o fato de que o pesquisador passa pela fase da coleta de dados de maneira muito mais confortável, haja vista que, sua vivência está associada às redes sociais, *wikis*, *blogs* e outras plataformas interacionais da rede, diferentemente da etnografia que, dependendo da situação, pode sugerir, até mesmo, práticas de higiene duvidosa, colocando em risco a saúde do observador.

A diferença, considerada mais relevante e vantajosa para a etnografia, é o fato de que, nesse caso, o observador tem muito mais informações, advindas de todos os seus sentidos (olfato, tato, paladar, etc.) enquanto o pesquisador, optante pela netnografia, tem acesso somente às manifestações linguísticas e visuais limitadas, no caso de videoconferências.

Considerações Finais

É fato que a internet e, por conseguinte, as redes sociais e comunidades virtuais já são uma realidade e crescem, a cada minuto. Nesse contexto, a netnografia torna-se cada vez mais relevante para o estudo da cultura digital. Esta cultura digital se traduz pelo crescimento exponencial de comunidades cibernéticas, pela situação geral do comportamento humano e pelas influências exercidas sobre os participantes, ou mesmo, moderadores desses espaços, sendo que o tempo de dedicação de cada participante às suas comunidades é cada vez maior, chegando a causar danos à saúde.

[...] tudo o que se expõe no ambiente online, e que é de uma riqueza imensurável para novas pesquisas, faz parte da construção que cada indivíduo faz de si mesmo e de suas representações virtuais. Hoje, o que encontramos na Web é o outro que se constitui a si mesmo, produzindo a sua verdade. (MARTINS; MAMEDE-NEVES, 2011, p. 128)

Espera-se, com este texto, ter contribuído com uma visão simplificada acerca da netnografia, no sentido de demonstrar sua utilização. Desta forma, o leitor pode definir se este é o método mais adequado para sua pesquisa.

Referências bibliográficas

GUTIERREZ, S. S. Professores em redes sociais on-line: desafios e possibilidades. **XV Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino (ENDIPE)**, 2010, Belo Horizonte. Anais do XV ENDIPE. Belo Horizonte, 2010.

HERMES, Ivênio. **Crimes de gaveta: arquivos da impunidade**. São Paulo: Clube dos autores, 2009.

HINE, C. **Virtual Methods and the Sociology of Cyber-Social-Scientific Knowledge**. Oxford: Berg, 2005.

KOZINETS, R. **Nethnography: doing ethnographic research online**. Online Communities. Net. (2010). Disponível em: <<http://www.nyu.edu/classes/bkg/methods/netnography.pdf>>. Acesso em 23/05/2014.

MALINOWSKI, B. K. **Argonautas do Pacífico ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné melanésia**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

MARTINS, T. M. O. **A netnografia como metodologia para conhecer o trabalho de professores da cultura digital**, 2012. Disponível em: <<http://jovensemrede.files.wordpress.com/2012/02/tatiane-marques-de-oliveira-martins-a-netnografia-como-metodologia-para-conhecer-o-trabalho-de-professores-da-cultura-digital-texto.pdf>>. Acesso em: 23/05/2014

MARTINS, T. M. O.; MAMEDE-NEVES, M.A.C. **As mídias na e além da sala de aula**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, Departamento de Educação, 2011.